

da esperança média de vida e a diminuição da taxa de natalidade estão a provocar o desencadeamento do processo complexo do envelhecimento populacional. Porém, a procura por cuidados médico-dentários continua deficitária em Portugal. O objetivo do presente estudo é avaliar quais os fatores que influenciam a procura de cuidados médico-dentários e caracterizar as desigualdades socioeconómicas/culturais entre idosos, através de uma comparação entre idosos institucionalizados e não institucionalizados. **Materiais e métodos:** Para o estudo observacional descritivo transversal foi analisada uma amostra de conveniência de 105 indivíduos idosos. 50 dos quais encontravam-se institucionalizados em lares no concelho de Viseu e outro grupo de 55 indivíduos não institucionalizados, que faziam parte dos pacientes da clínica Dentária Universitária da UCP. A recolha de dados foi realizada através da aplicação de um questionário aos idosos e da observação intraoral. Em seguida, realizou-se uma análise estatística descritiva e inferencial dos dados obtidos. **Resultados:** Cerca de 57,8% dos idosos escovavam os dentes apenas 1x/dia, e a maior parte não utilizava fio dentário como método complementar. 56,2% não consultaram um Médico Dentista nos últimos 12 meses, sendo que a maior parte dos idosos institucionalizados visitaram, pela última vez há cerca de 10 anos. Valores mais elevados de CPOD foram obtidos em idosos que possuíam um menor nível de escolaridade. O OHIP-14 demonstrou uma auto-percepção de reduzido impacto da saúde oral na qualidade de vida dos indivíduos do estudo. **Conclusões:** Verificou-se que as habilitações literárias, a área de residência e o tipo de residência influenciavam a procura pelos cuidados médico-dentários. Assim, existe a necessidade de sensibilizar e promover ações de saúde oral nos idosos relativamente aos cuidados de higiene oral e à necessidade de frequentarem com regularidade as consultas no Médico Dentista.

<http://doi.org/10.24873/j.rpemd.2019.12.624>

#167 Os problemas de saúde oral em Odontopediatria e o sentimento de culpa das mães



Cristina Areias*, Álvaro Azevedo, Ana Norton, Paula Macedo, David Andrade, Maria de Lurdes Lobo Pereira

FMDUP, EpiUnit Instituto de Saúde Pública da UP

Objetivos: A cárie dentária e a lesão dentária traumática (LDT) podem desempenhar um papel importante no sentimento de culpa das mães, enquanto responsáveis pela saúde oral dos seus filhos. O objetivo deste estudo foi avaliar a influência dos problemas de saúde oral de crianças em idade pré-escolar no sentimento de culpa das mães. **Materiais e métodos:** Foi realizado um estudo transversal, no qual foram incluídos 201 mães e respectivas crianças. As crianças tinham entre 36 e 71 meses e frequentavam a pré-escola na cidade de Pombal. As mães responderam a um questionário que abordava as variáveis sociodemográficas (sexo e idade da criança, idade da mãe, escolaridade da mãe, história de dor dentária, atenção à saúde oral e presença de culpa. Foi avaliada a existência de problemas orais (cárie e / ou LDT). Realizou-se uma análise descritiva para caracterizar a amostra. Desenvolveu-se

um modelo de regressão logística binária, pelo método de incorporação simultâneo das variáveis independentes (Método Enter), para discriminar o sentimento de culpa materno em função dos fatores determinantes em estudo. Foi estabelecido um erro ($\alpha=5\%$) para a significância estatística das variáveis preditoras. **Resultados:** A amostra foi baseada em 51,7% das crianças do sexo masculino. Os questionários foram respondidos pelas mães. Em relação à escolaridade das mães, 14,9% tinham o ensino básico, 43,8% possuíam o ensino médio e 41,3% o ensino superior. Quase metade das crianças (49,8%) nunca tinha ido ao odontopediatra e 39,8% apresentavam problemas orais. Cerca de 27% das mães afirmaram que seus filhos tinham problemas orais e 17,9% da totalidade das mães relataram sentirem-se culpadas pelos problemas dos filhos. A presença de problemas de saúde oral das crianças aumentou cerca de 4 vezes (OR = 4.13, IC (0,95) = 1.51-11.30) o risco do sentimento de culpa das mães. Além disso, a auto-percepção da presença de problemas orais foi associada ao aumento do risco da presença de culpa materna (OR = 4,81, IC (0,95) = 1,93-11,94). A necessidade de atenção à saúde oral, a idade da mãe e a escolaridade não estiveram associadas ao aumento do risco de culpa. No entanto, foi encontrado, sem significância estatística um aumento do risco de sentimento de culpa face ao aumento da idade materna. **Conclusões:** Percepções sobre a má saúde oral dos seus filhos e a presença de problemas orais aumentam o risco de sentimento de culpa das mães.

<http://doi.org/10.24873/j.rpemd.2019.12.625>

#168 Alterações Oclusais em Idade Pré-Escolar e sua relação com Hábitos de Sucção não Nutritivo



Margarida Rato*, Ana Norton, Paula Macedo, David Andrade, Cristina Areias

FMDUP

Objetivos: Os hábitos de sucção não nutritivos podem levar ao desenvolvimento de mordida aberta anterior e mordida cruzada posterior. O objetivo deste estudo foi verificar a correlação entre os hábitos de sucção não nutritivos e o desenvolvimento de alterações oclusais, em idade pré-escolar, na dentição decídua e mista, numa amostra populacional odontopediátrica inserida em jardins-de-infância do concelho de Pombal. Em complemento, pretendeu-se averiguar a prevalência destes hábitos, se a amamentação é um fator de proteção no desenvolvimento de alterações oclusais e qual a importância dada pelos educadores de infância a esta problemática. **Materiais e métodos:** A amostra inicial compreendeu um total de 419 crianças e 26 educadores de infância. Foram incluídas crianças com idade compreendida entre os 36 e os 71 meses, com presença de dentição primária ou mista, as quais apresentaram consentimento informado devidamente assinado pelos pais ou responsáveis legais. A amostra final compreendeu um total de 211 crianças e 26 educadores de infância. Foi recolhida informação inerente aos hábitos de sucção através de um questionário entregue aos responsáveis legais das crianças. Foi também fornecido um questionário aos educadores de infância, das crianças integradas no estudo, de forma a averiguar a percepção dada aos hábitos de sucção não nutritivos. Posteriormente, realizou-se

-se um rastreio oral visando analisar a presença ou ausência de alterações oclusais. **Resultados:** A prevalência dos hábitos foi de 62,1% para a sucção da chupeta ($p < 0,001$) e 7,1% para a sucção digital ($p < 0,001$). Correlação fraca, mas estatisticamente significativa entre os dois hábitos (0,169 para a sucção digital – $p = 0,025$ –, e 0,147 para sucção da chupeta – $p = 0,038$) e a mordida aberta anterior. $OR = 0,699$ para mordida aberta anterior explicada pela interação dada pelo tempo de amamentação exclusiva. **Conclusões:** O hábito mais prevalente identificado foi a sucção da chupeta, estando associado à amamentação, duração da mesma e alimentação pelo biberão. Este hábito encontra-se associado ao desenvolvimento de mordida aberta anterior. Um maior período de amamentação exclusiva parece ser um fator de proteção contra o desenvolvimento de mordida aberta anterior, ainda que um historial de sucção da chupeta esteja presente. Todos os educadores de infância revelaram ter conhecimento do impacto deste tipo de hábitos no processo de crescimento das crianças.

<http://doi.org/10.24873/j.rpemd.2019.12.626>

#169 Cavidade oral de crianças em tratamento oncológico – prevalência de lesões



Ana Norton*, Tomás Almeida, Teresa Sereno, Paula Macedo, David Andrade, Cristina Areias

FMDUP

Objetivos: Pretendeu-se avaliar o estado de saúde oral de crianças a realizar tratamento oncológico, usando como referência a população em tratamento no serviço de Hemato-Oncologia do Centro Hospitalar de São João, através do estudo de lesões orais, induzidas pelos tratamentos de quimioterapia e/ou radioterapia. **Materiais e métodos:** A amostra foi constituída por 31 crianças, com história de doença oncológica, que realizam ou realizaram tratamentos de quimioterapia e/ou radioterapia nos últimos dois anos, acompanhadas pelo Serviço de Hemato-Oncologia do Centro Hospitalar de São João. Foi realizada uma avaliação clínica com dois momentos distintos: o preenchimento de uma ficha clínica (referindo antecedentes pessoais, familiares e dentários) e exame extra e intraoral, avaliando as características da cavidade oral e das lesões orais encontradas. **Resultados:** A média de idades da amostra foi de 9 anos. Após análise verificou-se que 48,15% dos pacientes apresentava lesões na cavidade oral, sendo que a distribuição por género não foi estatisticamente relevante ($p = 0,7224$). Das lesões encontradas a prevalência mais significativa está associada à Candidíase Oral, presente em 36,84% das crianças com lesões ($n = 19$), seguida da Mucosite e das Úlceras Orais, presentes em 21,05% dessas crianças. Verificou-se também a prevalência de outras lesões como a Queilite Angular ou o Leucoedema embora em percentagens consideravelmente menores (5,26%). Quando analisada a distribuição das lesões pelo tipo de terapêutica, todos os pacientes com lesões tinham efetuado ou estavam a efetuar Quimioterapia enquanto que apenas 61,54% das crianças com lesões tinha realizado ou estava a realizar ciclos de Radioterapia. Quando analisada a associação entre o número de escovagens dentárias e o risco de desenvolver lesões na cavidade oral o Risco Relativo foi > 1 (1,388), verificando-se que

Conclusões: Cerca de metade das crianças, observadas apresentavam algum tipo de lesão oral consequente do tratamento de radioterapia ou quimioterapia. Nesse sentido, torna-se absolutamente essencial a sensibilização dos pais e cuidadores para os tipos de lesões que podem surgir neste período, de forma a procurarem ajuda na equipa multidisciplinar que acompanha a criança e na qual deve estar inserido o médico dentista, bem como a inclusão no plano de tratamento de uma consulta protocolar e standardizada de medicina dentária para todos as crianças em tratamento oncológico.

<http://doi.org/10.24873/j.rpemd.2019.12.627>

#170 Maturação da Sincondrose Esfeno-occipital vs Vértebras Cervicais na Fenda Lábio-palatina



Adriana Armas Sobral*, António Bettencourt Lucas, Ana Roseiro, Francisco Caramelo, Francisco do Vale

Instituto de Ortodontia da Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra, Laboratório de Bioestatística e Informática Médica da Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra

Objetivos: Avaliar a correlação entre o grau de fusão da sincondrose esfeno-occipital e o grau de maturação das vértebras cervicais em pacientes com fenda lábio-palatina. O objetivo deste estudo será fornecer ao Ortodontista uma ferramenta adicional na determinação da maturação esquelética do paciente em crescimento. **Materiais e métodos:** A amostra do estudo compreendeu 85 tomografias computadorizadas de feixe cónico de pacientes com fenda lábio-palatina, com idades entre os 7 e 17 anos. Em cada radiografia, foi avaliado: o grau de fusão da sincondrose esfeno-occipital (baseado no método de Basset et al.) e o grau de maturação das vértebras cervicais (baseado no método de Baccetti et al.). A análise estatística foi realizada no programa IBM® SPSS®. A análise de correlação de Spearman foi utilizada para avaliar a relação entre as duas variáveis. A concordância intra-observador foi calculada pelo coeficiente de Cohen Kappa, com base na reavaliação de 30 imagens com um mês de intervalo. **Resultados:** O estudo demonstrou concordância entre os estágios de maturação da sincondrose esfeno-occipital e das vértebras cervicais em pacientes com fenda lábio-palatina em crescimento. **Conclusões:** A correta avaliação da maturação esquelética é essencial no diagnóstico ortodôntico, uma vez que existe uma grande variação individual do crescimento. Deste modo, torna-se possível determinar o timing mais favorável para início do tratamento ortopédico/ortodôntico, adaptando a terapia a cada paciente.

<http://doi.org/10.24873/j.rpemd.2019.12.628>

#171 Avaliação do perfil nutricional dos boiões e saquetas de fruta infantis



Anne Rocha*, Mariana Seabra, Andreia Figueiredo

Universidade Católica Portuguesa

Objetivos: Entre os 4 e os 6 meses de vida dos bebés começa a chamada fase de ‘diversificação alimentar’ no qual são